

RE-CONHECIMENTO E IMPRESSÃO: PRIMEIROS PERCURSOS COLETIVOS PELA VALORIZAÇÃO DOS SUJEITOS NA EDUCAÇÃO

Letícia Oliveira Máximo Brito¹

Natália Tazinazzo Figueira de Oliveira²

RESUMO

Buscou-se problematizar contextos de valorização docente nas ações da equipe gestora. Trata-se de um ensaio com relatos de prática do trabalho formativo de um CEI da rede direta da Prefeitura de São Paulo, em 2019. Em diálogo com referenciais teóricos que abordam desafios e concepções políticas do cotidiano escolar, procurou-se entender quais teorias e ações valorizam a escola pública e a ação docente, reconhecem todos os atores da escola como educadores potentes à luz da gestão democrática e da formação do sujeito ético. Jorge Larrosa, Luiza Christov, Madalena Freire, Paulo Freire entre outros, fomentaram esta narrativa. Conhecendo as fragilidades e necessidade de avanços, as propostas de valorização coletiva vivenciadas culminaram em legitimação da equipe em seus saberes, humanidade e integralidade.

PALAVRAS-CHAVE: educação pública; experiência; gestão democrática; valorização docente.

PONTOS DE PARTIDA...

Muita gente pequena,
Em lugares pequenos,
Fazendo coisas pequenas,
Pode mudar o mundo

Eduardo Galeano

Reconhecendo a nossa pequenez, iniciamos 2019 querendo fazer mais. Esse já é um bom pretexto para um encontro. Do encontro, a parceria. Uma iniciante Coordenadora Pedagógica chegando ao CEI e uma acolhedora Diretora Escolar em busca de um mesmo fim: a qualidade da educação infantil, em especial do trabalho com a primeiríssima infância. Em nossa jornada como educadoras, nossos percursos se uniram pela primeira

¹Diretora na Prefeitura de São Paulo. É formada em Letras e Pedagogia (com habilitação em supervisão e administração escolar). Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática na UNIFESP.

leticia_olive@hotmail.com

²Coordenadora Pedagógica na Prefeitura de São Paulo e professora de Licenciatura na UNESP-IA. Especialista na Arte de Contar Histórias. Pedagoga e Mestre em Educação pela FEUSP em Didática e Formação de Professores. Doutoranda em Arte e Educação pelo Instituto de Artes da UNESP. Também atua como consultora editorial e arte-educadora. Idealizadora dos projetos Brecha Cotidiana e Láfora.
natitazinazzo@gmail.com

vez e tivemos, por hora, apenas um semestre de trabalho conjunto. Mas como o tempo pode ser relativo! Todo dia é tempo de reflexão e ação. Todo dia a história é criada e recriada. Todo dia a educação se transforma, assim como as pessoas. Aliás, educação nos parece ser isso: Formação Humana. Humanização.

Apesar da causa nobre, este pode ser um caminho perverso. Ainda que conscientes de nossas atribuições e assumindo este compromisso ético, a gestão tem grandes impasses no lugar da escola, um dos lugares mais humanos da cidade e tantas vezes organizado de forma burocrática, fabril e desumanizada. Como exigir mais -do que o próprio contexto já exige- dos professores e professoras da rede pública diante da precariedade do ensino, do desprestígio frente à sociedade, das más condições de trabalho e da perda constante e gradativa de direitos trabalhistas? Como avançar na qualidade do processo educativo se ainda há tantas questões estruturais a serem resolvidas? Até onde vai nosso acolhimento e nossa posição? Como buscar possibilidades para reverter a lógica e caminharmos para a valorização urgente da escola pública, pelo respeito a todos os atores sociais envolvidos? Apesar do enorme desafio, a escola não é o lugar do reforço social e sim do espaçamento. Nesta perspectiva, entendemos que se faz necessário reivindicar melhorias nas condições de trabalho, mas também desmistificar o imaginário social e midiático relativo ao professor, que como ressalta Arroyo (2000), traz a ideia de que professores devem ser bons, com uma qualificação subjetiva e moralista, até desqualificando suas competências. Caminhamos em um terreno de risco. Sem um olhar cuidadoso para nós mesmos, podemos cair na falta de estímulo, no desgaste emocional e na falta de motivação. Para nos apoiarmos nesta caminhada, recorreremos aos desejos de vida de que fala Madalena Freire:

Desejos de vida são aqueles que nos impulsionam para os conflitos, para os problemas na busca de sua superação, transformação, mudança. (...) Enquanto vida é pensar, refletir sobre os conflitos, as diferenças, divergências e diversidades da realidade para transformá-las; morte é acomodação, paralisia deste pensar reflexivo, repetição de respostas falecidas que não surtem nenhuma mudança em nossa prática. Mas é necessário morrer para o velho para o novo nascer. (FREIRE, 2008, p. 65)

São muitas as frentes diante de um contexto tão complexo e certamente cada uma delas traria o nascimento de uma nova pesquisa, por isso recortamos nesta escrita aquilo que neste momento ressalta e provoca nosso olhar e fazer. Assim, o objetivo deste trabalho é aproximar as reflexões teóricas, as questões que nos mobilizam neste papel de equipe gestora, mas principalmente como educadoras que vivenciaram ações concretas no chão da escola em nossa busca pelo melhor fazer e pelo reconhecimento das pessoas (bebês,

crianças, adultos) e da escola, que nos é tão cara. Ainda temos um longo caminho pela frente, erros e acertos, fragilidades e frustrações. Mas, com muita humildade, arriscamos dizer que também temos conquistas. Como aconteceu com Manoel de Barros (2009) desaprender oito horas por dia tem nos ensinado os princípios. Transformações pessoais e coletivas que, quando compartilhadas, podem ser ampliadas, ressignificadas, qualificadas e configuradas em saber teórico. Estas experiências que nos mobilizaram a transformá-las em narrativas nos fortaleceram para seguir nesta busca, procurando formas de construir nosso coletivo pensando em cada sujeito. Ao narrar, procuramos ainda encontrar a palavra comum que aqui nos representa, mas que essencialmente reflete as palavras da nossa escola. Colocamo-nos em um desafio democrático de escrita: A palavra comum precisa contemplar a palavra de cada um.

CONCEPÇÕES QUE NOS IMPULSIONAM

Dentre muitas referências que inspiram nosso caminhar, corroboramos com Antônio (2019, p. 21) quando afirma que a educação é “um processo entre sujeitos e sujeitos, o que pressupõe escuta e diálogo”. Foi este pressuposto que consolidou o início desta parceria, com abertura à palavra, a tornar o encontro com o outro uma experiência, no sentido que nos apresenta Larrosa (2002). Para o autor, a experiência é aquilo que “nos acontece, e nos tomba, que nos desestabiliza e provoca”, por isso nos transforma. Não é fácil estar vulnerável ao outro e se despir de certezas e verdades solidificadas ao longo do tempo. Muita disponibilidade se faz necessária, num exercício compromissado de esforço, respeito, democracia e perspectiva ética.

Numa sociedade de classes, desigual, como a que vivemos, quase não há tempo de se pensar no coletivo, na coisa pública de forma reflexiva, o que garante espaço para o senso comum automatizado, naturalizado, soberano na hierarquia do saber, quase inquestionável. Na verdadeira abertura para o encontro com o outro, essa reprodução mecânica pode nos desacomodar e nos desacostumar com o que está posto, o que pode desencadear na real aprendizagem: “Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”. (FREIRE, 2015, p. 68)

E a nossa aventura tinha sua parada principal na gestão democrática. Reconhecendo-a como valor e princípio para a gestão desejada, nos deparamos com a delicadeza deste fazer. O que é de fato, ser democrático? Como envolver os sujeitos, valorizando a autonomia? De que democracia estamos falando?

Ah, a democracia... palavra tão dita e tão solta ao vento nos dias atuais. No discurso, assim como tantas outras palavras, em determinados períodos e contextos históricos, tornou-se “sagrada”, repetida e defendida como atributo, carregada de significados diversos (LOVEJOY, 1983). Já a prática tem trazido mais incertezas que definições, o que nos leva a repensar seus atuais conceitos e usos. Autonomia, gestão democrática, participação, protagonismo, autoria, escuta merecem ser discutidos e rediscutidos, pois podem traduzir concepções caras nos ideais de educação ou tornarem-se meros slogans sem propostas efetivas. O perigo das ideias prontas é desmerecer o valor das perguntas, educando-nos à obediência, reprodução e busca pela verdade absoluta, que não aceita o confronto, como afirma Freire (2008, p.64): “Sem a consciência da falta, não existiria aprendizagem humana, apropriação do sonho presente e futuro, mas sim adestramento”.

Em nossa visão, as perguntas são ferramentas essenciais que precisam estar mais presentes como disparadoras de novos saberes e construções, em contraponto à passividade que a supervalorização das respostas determina. Engrandecer o ato de perguntar ajuda a naturalizar o erro, o risco, o diverso, a diferença, a exposição e a pesquisa como principal caminho para conhecer. Mais do que afirmar, procuramos nos questionar: Afinal, o que torna um processo democrático? O que nos caracteriza como sujeitos éticos?

Dentro da nossa tentativa de seguir os bons caminhos provisórios para o contexto vivido e real, procuramos, primeiramente, reiterar a função primeira da existência da escola: o espaço de encontro com o diverso, com vistas à partilha e à construção do conhecimento e do bem comum (CHRISTOV, 2019). Nesta perspectiva, o único sentido para a educação se faz no coletivo, em comunhão, portanto, na democracia. Não se trata de atender a tudo e a todos, mas sim de dialogar e construir os limites e a liberdade de se comprometer com o que não necessariamente é o seu interesse ou desejo individual. Não se limita a uma democracia neoliberal, como a difundida no Brasil, mas propõe uma democracia participativa contra-hegemônica, como definiria SANTOS (2016). Sugere a saída do âmbito privado para mergulhar no universo público, assumindo o exercício de ser ético, a vida e nosso papel político na sociedade.

Tomamos como nossas as palavras de Paulo Freire, quando afirma de diferentes modos que ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão (2015). Legitimar esta ideia é considerar todos os saberes e materializá-los no cotidiano partilhado. Todas estas visões aqui declaradas ilustram os desejos da escola que

pretendemos defender e, a seguir, trazemos, segundo nossa experiência, algumas ações que se mostraram potentes para esta concretização que está apenas começando.

UMA CARTA DE INTENÇÕES

Em 2019, algumas concepções que vinham sendo discutidas em espaços legítimos e diversos de reflexão acerca da Educação Infantil se materializaram em importantes documentos construídos pela rede municipal, como o Currículo da Cidade: Educação Infantil e a Instrução Normativa nº2 de 2019, que dispõe sobre os registros na Educação Infantil. Vivemos no atual momento o início de concretização de uma proposta que não mais entende a educação como processo para o educando e sim como processo com o educando. A centralidade dos bebês e crianças desconstrói paradigmas e pressupostos dos planejamentos, das ações e da documentação pedagógica, provocando os adultos a repensarem suas formas de estar e fazer. Valorizar o protagonismo infantil em nada diminui o protagonismo dos professores e professoras e seu papel fundamental em todo o processo; ao contrário: exige um olhar mais posicionado, cuidadoso, apurado, criativo e preparado.

Substituir aquilo que já nos é conhecido e seguro pelo imponderável não é tarefa fácil e demanda um trabalho em parceria, bem estruturado e de formação. Para melhor amparar este processo, é necessário que a gestão adote os mesmos princípios em suas ações, visto que a equipe gestora tem o compromisso de exercer o papel de par avançado da equipe docente e de apoio. “Ser um par avançado” compreende desafiar, oferecer possibilidades e condições estruturais e de participação, mas também ser modelo real na ação, para que os valores simbólicos se corporifiquem. Assumimos este compromisso logo no início, na primeira reunião de organização do ano, apresentando a carta de intenções da equipe gestora.

A carta de intenções é um instrumento de registro novo em nossa rede, que visa a declarar, como o próprio nome já diz, as intenções de quem a escreve. Indo além de um plano de ação, nos convida a repensar encaminhamentos cotidianamente, ofertando “vazios intencionais” para o flexível, para a escuta, para agregar saberes, pessoas, ações, espaços e tempos. Não nos parece possível trabalhar sob esta ótica sem acreditar na sensibilidade e na potência de quem realiza a mediação do processo, pois só se oferece protagonismo para quem se legitima. Ademais, cartas traduzem um gênero mais autoral e afetivo, no sentido daquilo que nos afeta e que pode fortalecer os vínculos e promover experiências estéticas.

Em nossa carta, que teve como destinatários toda a equipe da escola, procuramos reiterar nossa intenção de trabalho realmente coletivo, democrático e político, apoiada nas diferentes experiências que constroem a história do nosso chão. Contemplamos a avaliação da equipe realizada no ano anterior, que sentia a necessidade de se aproximar da comunidade e do entorno. Convidamos à reflexão sobre possibilidades de romper estes muros, reconhecer e declarar a potência do trabalho e compreender melhor o sentido de pertencimento a um grupo e função. Dizemos “convite” porque mudanças só são transformadoras quando internalizadas, dentro de um processo formativo que gera consciência. Sabemos que não fazemos e não faríamos nada sozinhas e que são eles, grupo de professores e administrativo que, de fato, fazem a escola. Assim, trouxemos nossas propostas para serem pensadas e refletidas de forma conjunta, de forma livre, mas também como uma evocação, um chamamento que dizia: te valorizo, por isso conto com você, quero que você pertença e se comprometa com este pertencimento. A carta anunciava ações embasadas em uma perspectiva ética, que necessita de várias frentes provocadoras do afeto e da experiência do sensível, ou da formação estética no sentido que Dewey (2010) apresenta.

Na leitura, pudemos dividir aquilo que na conversa não sistematizada talvez não conseguíssemos deixar claro e traduzimos a importância desse ato criador. Como inspiração, incentivamos a produção das cartas da equipe para as famílias e crianças. Esse foi um primeiro passo efetivo para a aproximação com a comunidade e foi elaborada a muitas mãos, muitos passos, revisões e revisitações para que garantíssemos as informações necessárias, as parcerias e, claro, a identidade e autoria dos escritores. Na reunião com as famílias, foram compartilhadas e entregues com uma estética diferente, traduzindo a ideia de pergaminho, de documentos oficiais antigos, simbolizando seu valor. Um pedaço da escola em palavras foi para as casas e para o entorno por meio do Projeto Político-Pedagógico (PPP) e de um dos instrumentos de comunicação adotados pela equipe: o Blog Institucional.

INTENÇÕES MATERIALIZADAS

Nem teoria nem prática, mas experiência. Era o momento de firmar a coerência entre as palavras escritas e as ações. Fez-se necessário não perder isto de vista nas ações de formação, no exercício de enxergar o outro como sujeito do conhecimento, não como objeto da aprendizagem. Como as experiências do sensível são as ferramentas que nos

guiam para a formação ética, o PPP se mostrou como material essencial a ser construído neste contexto. A memória, que valida e reconhece o caminho de vida e história das pessoas, foi ponte para que cada educador trouxesse em sua palavra a relação com a própria cidade e própria infância:

“Quando contamos histórias, inclusive para jovens ou adultos de qualquer idade, há um acalmar do corpo, uma imaginação passeando no olhar (...). Há um encontro consigo mesmo e com o vir a ser.” (ANTÔNIO, 2019, p. 53)

Com base no relato da própria experiência, foram organizados os encontros formativos seguintes por meio de temas, abordagens e mediações que aproximaram a teoria estudada do vivido.

O propósito de pensar sobre a prática é sempre o exercício do esforço teórico. Assim, o Blog, já mencionado, foi o canal que levou a equipe a se perceber como produtora de saber. Este recurso digital já existia na unidade e, para este ano, pensamos em estratégias mais assertivas nesta comunicação: divulgação constante para as famílias via agenda, conversas, Conselho de CEI e reuniões, periodicidade e frequência das postagens, olhar cuidadoso para as fotos, textos e garantia de representação de todos os agrupamentos, transformando a plataforma em um portfólio coletivo que contava a história vivenciada. A preparação das postagens ganhou momento garantido nos horários de formação, com devolutivas, sugestões e mediações na troca entre parceiros e coordenação, com o objetivo de qualificar a narrativa dos educadores: transformando as experiências dos bebês e crianças em palavras e imagens.

Quando o grupo se encontra em sua potência, o canal da descoberta vira um lugar em que se quer voltar. O Blog foi ganhando corpo, muitos acessos, diálogos e propiciou à comunidade um ponto de partida para modificar sua visão do que bebês e crianças fazem no CEI e do que representa o ato educativo. A equipe passou a ter mais iniciativa e ampliar a periodicidade para além da combinada.

A documentação pedagógica se traduziu como teoria e saber, por nascer do vivido, por ter sido, como Manoel de Barros poetiza, experiências que pedem palavras de chão. Falar do conhecido, da experiência do diariamente, traz a singularidade do olhar, das sensações despertas, a vontade de compartilhar e, assim, eternizar. Foi assim que atribuímos sentido a uma tarefa inerente, desafiante e que costuma gerar resistência entre professores: o ato de registrar. Cada documento produzido na escola revela seu caráter

público, político e social comprometido com toda a cidade e auxilia na percepção de que o trabalho do professor é intelectual.

Em meados do primeiro semestre, abrimos nossas portas em uma manhã chuvosa de sábado para a primeira Reunião Pedagógica do ano com presença de toda a equipe. Dentre as expectativas, estava a ideia de um dia de estudo, de leitura, de fazer o de costume. Para nós, que estávamos planejando, era um dia de arriscar e propor uma vivência brincante um pouco fora do ambiente da Educação Infantil. Para validar o brincar como essência da infância, validamos o brincar como essência da vida de qualquer pessoa, como essência da vida humana. Ao invés de reforçarmos um modelo social que substitui os momentos de ócio, lazer, ludicidade e suspensão por mais produtividade e medicamentos para as doenças do corpo e da alma, propusemos uma oficina com jogos de tabuleiro modernos. As propostas diversificadas, ora unindo toda a equipe, ora formando subgrupos para a diversão. Apesar de tantos ganhos internalizados: relação com outro, lidar com o espontâneo e inesperado, estar junto, conhecer o outro e reconhecer a si, escuta, criação de estratégias, relação com as regras, competitividade e cooperação, espaço para o riso, presente para o corpo, desafios emergentes, nenhum “conteúdo” foi apresentado de maneira sistematizada ou formalizada. Ao final das partidas, quem sentiu-se à vontade compartilhou suas impressões, que no diálogo foram figuradas em saberes importantes. Foi possível reviver porque as crianças brincam. Porque deixar de brincar nos adocece. Porque não podemos perder de vista o compromisso de deixar nosso cotidiano mais leve, poético, brincante e generoso. Sem utilizar o verbo, marcamos o corpo que merece levar a afirmativa de SCHILLER (apud ANTÔNIO, 2019, p. 58): “O homem só é inteiramente humano quando brinca”.

Esta memória foi emblemática no caminhar. Uma resposta clara às nossas tentativas de transformação vieram do grupo: Mais demonstrações de afeto, de piadas e brincadeiras, elogios, mais alegria por estarem no espaço escolar, manifestações de que sentiram-se reconhecidos, acarinhados e ao mesmo tempo, mais “sabidos”. O objetivo formativo foi alcançado porque o brincar pelo brincar não foi lido ou discutido, mas sim vivenciado, legitimado como deleite.

Outras situações na formação cotidiana foram pensadas para seguirmos no mesmo tom, mas decidimos por questões organizacionais, destacar as que nos pareceram mais marcantes. Por isso, chegamos ao início do segundo semestre, quando recebemos uma convidada especialista em Yoga com Histórias. Nosso propósito foi acolher a equipe no

retorno do recesso, momento de sentimentos contraditórios, de reencontro e de recomeço. Defendendo que todo projeto educacional deve ter este olhar para o cuidado de si e do outro, recorremos à filosofia do povo Xavante: Para uma transformação da alma, mexa no corpo.

A abordagem da formadora ressaltou a necessidade do autoconhecimento, do reconhecimento das fragilidades, potências, sensações e sentimentos pessoais, dada a delicadeza das relações humanas, tão óbvias e ao mesmo tempo tão invisíveis entre as paredes escolares. Unir uma prática filosófica de corpo e mente à contação de histórias, mais uma vez abriu horizontes para que o saber docente fosse ampliado pela vida, suscitando um olhar crítico-reflexivo para o tempo, para o lugar da memória e da suspensão, para a visão adultocêntrica, para a lógica produtiva, para a saúde mental e inteligência emocional, para a rotina escolar, e de forma simples, para nós mesmos e nossos movimentos.

Como produtores de cultura e conhecimento, como seres atuantes em nossa sociedade, a valorização da nossa profissão passa, como já dito, inevitavelmente pela política e pela ética. Aristóteles, desde o século XI, reafirmava o cuidado de si para cuidar do outro como princípio ético.

Exercer o papel político dentro e fora da escola é essencial, porém gera ruídos, conflitos e diferentes leituras. Inspiradas pela pedagogia Freireana, nos parece fundamental que a comunidade escolar, principalmente em situações mais desfavorecidas possa reconhecer e se reconhecer na luta pela educação e pelo respeito ao trabalho docente. Valorizar o professor não é apenas ecoar frases de efeito do tipo: “Professor é profissão que faz todas as profissões”, “Desejo ao professor um salário de deputado e a um deputado um salário de professor”, “No Japão o único que não precisa se curvar ao imperador é o professor”, “Ser professor não é profissão, é uma vocação”. Vai muito além disso. Trata-se da conquista do exercício da liberdade, do pensamento, da expressão; da confiança da sua comunidade; do reconhecimento de sua demanda traduzida em qualidade de vida e emancipação; da ampliação do que se consideram conhecimentos legítimos e de suas vivências culturais; da aceitação de que não há neutralidade e de que a educação não é mercadoria. Segundo Freire:

A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela

mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, a sua pessoa, a seu direito de ser (FREIRE, 2015, p. 65)

A urgência de desvelar e romper com os preceitos que povoam o imaginário popular sobre o ofício de ser professor, que é reduzido a uma mera ocupação, um subemprego, rotulado em dizeres recorrentes do tipo: “Você só é professora?”, ou “Professora, você não trabalha, só dá aula?”, traz à tona, ao menos, duas premissas: da incompletude e da precariedade da profissão provenientes dos baixos salários e do desprestígio social. Numa sociedade capitalista como a que habitamos, a essencialidade do trabalho é marcada pelo seu valor econômico e não pela grandeza ou complexidade da atividade humana, pela constituição do ser social, pelo desenvolvimento de suas potencialidades ou pela satisfação pessoal.

Cabe aos professores e professoras imbuir-se de coragem, de consciência do seu papel na sociedade, sem, no entanto, confiar que tenha o poder e missão de mudar o mundo, de que a escola é a salvação para todos os problemas, que poderá, sozinha, dar conta de reverter toda a desigualdade. Está em nosso alcance oferecer diversas leituras de mundo, promover o acesso ao conhecimento historicamente produzido e acumulado por meio de fontes diversas, como um direito de todos. Educação é uma necessidade básica, não um privilégio. A curiosidade, a pesquisa, a criação e a partilha cultural inspiram as pessoas, tocam corações e mentes para que se comovam e assumam seu compromisso com o mundo.

Vale destacar ainda que, em nossa visão, a educação brasileira tem sofrido uma série de ataques, em diversas frentes nos últimos tempos: sucateamento das Universidades Públicas, privatização do ensino e terceirização dos serviços, expansão da modalidade à distância na primeira graduação, perda de direitos trabalhistas, arrocho salarial, não cumprimento de direitos conquistados e políticas públicas ignoradas, dentre outros. O início deste ano não trouxe fatos diferentes e a categoria de professores e professoras iniciou o ano letivo em atividade de greve. Propusemos um debate, em formato de roda de conversa, e com isso o grupo decidiu, coletivamente, qual seria seu posicionamento, algo inédito até então para professores e professoras que assumiam escolhas pessoais. Diante da decisão do grupo em se unir à categoria, chegava o momento de planejar as ações conjuntas como seres sociais e políticos, ampliando a ideia de trabalho ligado às atribuições legais da profissão. Em funções diferentes, professores, professoras e funcionários se dividiram entre espaços públicos, movimentos de manifestação, redes

sociais e a própria escola, para divulgação da pauta de luta, diálogos com a comunidade, atendimento de dúvidas e debates, produções de cartazes com manifesto para as famílias, caminhadas em protesto e comunicação com representantes políticos.

Com o encerramento do movimento trabalhista, os resultados não atingiram as expectativas desejadas, porém, como toda experiência, houve grande aprendizado no convívio (e também no conflito) das diferenças e do exercício de cidadania. O ideal comum pode fortalecer e reafirmar a vivacidade das relações.

Por fim, faz-se necessário frisar que, se na escola todos são educadores, todos têm direitos e deveres com a formação contínua. Neste viés, as reuniões com a equipe de apoio (ATEs, Agentes de apoio, equipe terceirizada) ganhou novos contornos e um olhar atento à periodicidade, objetivos e condução. Os encontros agora contam com pautas formativas, referências teóricas, momento para partilha de saberes, escutas e olhares acerca do cotidiano, estudos de caso e compartilhamento do andamento da formação docente. Ainda em construção, um conjunto de crônicas vem explicitando situações marcantes da rotina em que há intervenções desta equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU INICIAIS? OU APENAS CONSIDERAÇÕES?)

Talvez a melhor nomeação seja “apenas considerações”, visto que este é um processo inacabado, feito por seres inacabados e em constante transformação. Pesquisar nossa própria prática remeteu-nos à imagem do filósofo, que reflete sobre o acontecimento vivido junto, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, mas que o torna ilimitado quando materializado em texto escrito. Partindo do fim, são muitos os inícios, já que o tempo presente é sempre momento de acolher o novo. Pensar o presente é um esforço, um desafio dado pela memória e pela projeção. Cotidianamente corremos o risco de viver o passado ou esperar pelo futuro, uma vez que somos insistentemente colocados diante da fragilidade do mundo. Porém, a potência permanece, ancorada no tamanho e no tempo que nos dedicamos a ela. A grande sacada está em nos manter acordados, alertas, vivos, para acordar os outros e viver a totalidade. A ruptura começa na parada, no não mais querer corresponder aquilo que outrem deseja, recuperando a experiência de estar no mundo. Neste caso, de estar na escola.

A priori, o conhecimento existe para aproximar as pessoas e conta com o compromisso de quem vive a escola para não perder seu caráter cultural, plural, político e conexo ao mundo, algo que entendemos como impossível no isolamento. Corroboramos

com Freire (2015), quando classifica o encontro humano como a mais significativa dimensão da experiência educativa. O autor reafirma nossa premissa de que é na parceria e no diálogo que se criam e se recriam sentidos.

Seguir juntos é o que nos faz desejar seguir em frente. Na persistência pela consolidação da democracia, da educação pública e da prática política entre os sujeitos, continuamos nos aventurando pelos estranhamentos, ignorâncias, provocações e pontos de interrogação que apontam aberturas sem perder de vista nossa defesa em emergência: a docência viva. Questionamos o agora na tentativa de nos afastar de uma de nossas maiores angústias: E quando, sem condições, ninguém quiser ser professor?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, S. *A poética da infância: conversas com quem educa crianças*. Cachoeira Paulista: Editora Passarinhos, 2019.

ARROYO, M. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARROS, M. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

CHRISTOV, L. *A volta às aulas*. Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Luiza-Christov-Para-falar-de-educacao/noticia/2019/02/volta-aulas.html>. Acesso em: 09 ago. 2019.

DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, M. *Educador*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

LOVEJOY, A. *La gran cadenaselser: historia de una idea*. Tradução Antonio Desmonts. Barcelona: Icaria Editorial, 1983.

SANTOS, B. S. *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. São Paulo: Boitempo, 2016.